

INSCRIÇÃO Nº 08380 / CATEGORIA 14

Em uma noite fria de setembro de 1994, eu voltava à base da CET, ao lado da Ponte da Cidade Universitária, após uma jornada cansativa na madrugada. Ao estacionar a viatura, um homem gritou que um carro havia capotado no meio da ponte. Alguns companheiros já tinham corrido até lá. Hesitamos, mas decidimos ajudar. Encontramos pessoas apavoradas, um líquido parecido com gasolina vazando e o som do veículo ligado em volume muito alto.

Ao me abaixar junto à porta do passageiro, vi uma mulher presa de cabeça para baixo, com os cabelos cobrindo o seu rosto. Ela parecia desacordada. Entrei pela janela e segurei seu pulso. Então, ela apertou minha mão e sussurrou: “Não solta minha mão, senão eu vou morrer.” Tremendo, prometi que não a soltaria. Durante seis minutos, que pareceram uma eternidade, conversei com ela, pedindo que confiasse em Deus e repetindo que não morreria.

Os bombeiros constataram que ela estava suspensa pelo cinto, com o pescoço encostado no assoalho. Um deles alertou que, ao cortar o cinto, precisaríamos sustentar e girar seu corpo “tipo um balão”, com precisão para não ferir seu pescoço. Fizemos a manobra juntos e conseguimos retirá-la. Continuei segurando sua mão até a viatura de resgate.

Quando sua mãe e seu irmão chegaram chorando, coloquei a mão da mãe sobre a dela e me afastei. Uma semana depois, a mulher foi ao meu trabalho usando um colete cervical. Levou-me um presente e uma caixa de bombons. Desde aquela noite, sua voz nunca saiu da minha memória: “Não solta minha mão.”